

UMA PRIMEIRA ANÁLISE DO GUIA BRASILEIRO DE MUSEUS

Aluno: Taiane Theodoro Pancaro Cavalheiro
Orientador: Cristina Carvalho

Introdução

O objetivo principal do projeto “Aprendendo nos museus: conhecendo estratégias educativas e repensando uma pedagogia museal para crianças”, do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Museu, Cultura e Infância (GPEMCI), da PUC-Rio, é investigar alguns Setores Educativos de Museus e Centros Culturais da cidade do Rio de Janeiro com o intuito de mapear e conhecer as atividades oferecidas ao público em geral - e mais especificamente às crianças de 0 a 6 anos -, a estrutura de funcionamento mantida pelas instituições, os agentes sociais que neles atuam e, principalmente, as estratégias pedagógicas desenvolvidas nesses espaços.

Para a realização da primeira etapa da investigação - mapear os museus da cidade do Rio de Janeiro que possuem Setores Educativos -, nossa intenção era partir de informações que já possuíamos sobre as instituições e buscar, através da rede de contatos e de listas disponíveis na internet, espaços que contassem com esse setor em sua estrutura. Era claro para o grupo que essa seria uma etapa em que encontraríamos dificuldade, pois, no desenvolvimento de outras investigações, entramos em contato com órgãos públicos¹ que supostamente teriam uma lista de museus e, nessas ocasiões, fomos informados sobre a inexistência desses dados.

Contudo, para grata surpresa do grupo de pesquisa, tivemos acesso à recente publicação lançada pelo Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM: *o Guia dos Museus Brasileiros*, de 2011, mesmo ano em que iniciávamos a investigação. Segundo os organizadores dessa publicação, as informações apresentadas no Guia foram coletadas de 2006 a 2011 pelo Cadastro Nacional de Museus (CNM), “com o objetivo de recolher sistematicamente informações sobre os museus brasileiros e compartilhá-las amplamente com a sociedade, visando assim constituir-se não apenas em importante fonte de pesquisa, mas também em centro difusor dos museus brasileiros” (IBRAM, 2011, p. 13). A equipe responsável destacou, ainda, a intenção de estimular não somente a visitação, “seja ela

¹ Instituto Brasileiro de Museus, Ministério da Cultura, Secretarias Estadual e Municipal de Cultura.

presencial ou virtual, mas também o conhecimento e a apropriação das mais de 3.000 instituições museológicas brasileiras” (idem, p. 13).

Deste modo, tendo em vista a produção de um material tão recente sobre os museus brasileiros, o Guia se apresentava como ponto de partida basilar para o desenvolvimento da pesquisa, pois, certamente, os dados sobre os espaços estariam atualizados, e chegamos a aventar a possibilidade de mapear os Setores Educativos dos espaços culturais do Estado do Rio de Janeiro. Entretanto, ponderamos as dificuldades que poderiam se apresentar ao longo da investigação e optamos por delimitar nosso campo de pesquisa para o município do Rio de Janeiro. Por outro lado, também a partir do Guia, consideramos que seria importante sistematizar algumas informações sobre os museus do Estado do Rio de Janeiro e construímos algumas tabelas com informações sobre os museus de cada município do Estado, como a natureza administrativa (público ou privado) e o ano de criação.

Entretanto, apesar de os organizadores destacarem que essa distribuição buscou facilitar o manuseio, permitindo ao leitor uma rápida identificação dos conteúdos, ao explorar o material, não foi esse o sentimento dos integrantes do grupo de pesquisa. Já na primeira análise do Guia, constatamos que a apresentação das instituições segue o critério das regiões brasileiras (Norte, Nordeste, Sudeste, Sul, Centro-Oeste), mas, além da ordem alfabética das cidades de cada região, não apresenta uma lógica clara: as instituições não estão em ordem alfabética, ou por bairro, ou por categoria de museus, ou por data de fundação. Aos poucos, fomos explorando o *Guia*.

O Guia dos Museus Brasileiros - “Ao Brasil, seus museus”

Desde os tempos da colônia, o conjunto das políticas culturais no Brasil esteve atrelado às influências do pensamento europeu acerca das instituições culturais que possuíam a dupla função de relembrar o passado e comprovar fatos da história das nações e, ao longo dos anos, a relação entre o Estado e os museus nacionais suscita indagações que perpassam o ideal de se criar uma identidade para a nação brasileira (Azevedo, Catão & Pires, 2009; Abreu, 1996).

O primeiro órgão de proteção ao patrimônio brasileiro surgiu com a criação da Inspeção dos Monumentos Nacionais em 1933 e, posteriormente, em 1937, criou-se o Serviço de Patrimônio Artístico Nacional. Entretanto, estudiosos apontam o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), criado em 1838, como pioneiro na implementação da política patrimonial. O fato é que a gênese da construção da memória no País se deu a partir da formação do estado nacional, com atuação direta do Poder Público dos estados e do

Poder Legislativo federal na elaboração de leis tendentes à preservação de nosso acervo cultural nas primeiras décadas da República (Santos, 1996; Machado, 2009).

É consenso que foi quase sempre o Poder Público quem determinou o que deveria ser lembrado ou esquecido, o que deveria ou não ser preservado. Construiu-se uma memória nacional oficial, excludente e celebrativa dos feitos dos “heróis nacionais”, e determinados bens foram eleitos como representativos da memória nacional em detrimento de outros, que pudessem mostrar a diversidade cultural do País (Abreu, 1996; Machado, 2009).

O IBRAM - órgão responsável pela elaboração do Guia Brasileiro de Museus - foi criado em 2009 e sucedeu o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) nos direitos, deveres e obrigações relacionados aos museus federais. Para Machado (2005), sua criação representa uma importante iniciativa e um antigo anseio da comunidade museológica, que vem reconhecer o lugar estratégico dos museus na política pública de cultura brasileira. Há de se ressaltar a participação do Ministério da Cultura e do IPHAN no estímulo dado à criação da Política Nacional de Museus e do Sistema Brasileiro de Museus – rede de articulação e desenvolvimento dos museus brasileiros.

Vale destacar algumas informações sobre a elaboração do Guia: na *Apresentação* da obra, a equipe esclarece que a escolha do nome Guia representa uma referência e homenagem a todos os projetos, tanto temáticos quanto estaduais, regionais ou mesmo de caráter nacional, que já tenham sido desenvolvidos no Brasil, fontes indispensáveis para o mapeamento inicial do CNM. É possível identificar, também, a intenção que moveu a elaboração do material: “o Guia foi disponibilizado com o objetivo de conferir aos cidadãos uma publicação que indicasse facilmente as direções, e que, ao mesmo tempo, fosse capaz de oferecer informações fundamentais sobre as práticas e serviços dos museus brasileiros” (IBRAM, 2011, p. 13).

O instrumento utilizado pelo CNM para a coleta de dados foi um questionário de cadastramento, buscando dar conta do amplo espectro de atuações museais brasileiras. O período de corte da pesquisa na base de dados do CNM ocorreu entre os meses de outubro de 2010 a janeiro de 2011. Conforme já mencionado, no Guia estão relacionadas mais de 3.000 instituições museológicas, e as informações foram divididas em oito capítulos, sendo os cinco capítulos iniciais relativos aos museus presenciais existentes nas regiões brasileiras. Em seguida são relacionados os museus em processo de implantação, os museus virtuais e os museus extintos, incorporados e renomeados. Cada capítulo apresenta uma cor específica: 1. Região Norte: verde escuro; 2. Região Nordeste: mostarda; 3. Região Sudeste: lilás; 4. Região Sul: azul; 5. Região Centro-Oeste: tijolo; 6. Museus extintos, incorporados e renomeados: amarelo; 7. Museus em Implantação: laranja; 8. Museus Virtuais: verde claro.

Ainda com relação aos museus listados, os organizadores esclarecem que, primeiramente, são apresentadas as instituições *cadastradas*² - aquelas que preencheram o questionário de cadastramento do CNM e que, portanto, dispõem de um conjunto maior de informações. A seguir, são apresentados os museus denominados *mapeados* - instituições cuja existência foi verificada através de contato telefônico ou e-mail, mas que não preencheram o questionário de cadastramento. Elucidam, ainda, que a distinção entre museus *cadastrados* e *mapeados* é realizada pela cor do traço de sublinhado presente no título da instituição e pela quantidade de dados apresentados. Assim, museus *cadastrados* estão sublinhados em vermelho e museus *mapeados* em cinza. Contudo, essa informação consta apenas na *Apresentação*, em meio a tantas outras, e, na verdade, a distinção entre instituições *cadastradas* e *mapeadas* não é facilmente visualizada ou compreendida pelo leitor, em nada acrescenta e não possui nenhuma lógica para quem pretende apenas consultar um *guia*.

O conceito de museu adotado pelos organizadores do Guia é o mesmo utilizado pelo CNM que se encontra expresso no Estatuto de Museus, promulgado pela Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades.

Efetuando a contagem dos museus da cidade do Rio de Janeiro listados no Guia, pois não estão numerados, verificamos que nosso universo de investigação era composto por 115 espaços. Tendo em vista a já mencionada atualidade do Guia, decidimos que o contato com as instituições seria realizado via e-mail e dividimos os espaços museais entre os participantes do GEPEMCI. Para tanto, e com o intuito de uniformizar esse contato, elaboramos uma mensagem breve a ser encaminhada a essas instituições, apenas identificado o grupo de

² Grifos nossos.

pesquisa, informando sobre o objeto investigado e solicitando a informação que desejávamos obter: se possuíam ou não setor educativo.

O contato com os museus: “*como é o nome desse nosso local? É setor educativo, não é?*”

O contato com os museus por e-mail, tarefa que parecia fácil naquele momento, configurou-se como etapa com inúmeros obstáculos, e as questões relativas à elaboração, ao manuseio e às informações constantes na obra foram objeto de discussão ao longo de toda a realização da investigação, despertando o interesse da equipe e fazendo com que nos detivéssemos nessa publicação.

Já nessa primeira análise das informações contidas no Guia, no momento do envio dos e-mails, dois aspectos foram detectados: 15 instituições não dispunham de endereço eletrônico e, em decorrência da aproximação com o universo dos museus por parte de alguns integrantes do grupo, constatamos que 4 instituições, apesar de se apresentarem de modo autônomo, possuíam a mesma gestão administrativa, o mesmo endereço, um único responsável por informações como a que buscávamos. Não havia então motivos para contactar a mesma instituição duas vezes. Feitos esses ajustes, ficamos com uma amostra de 96 espaços culturais. Abaixo, elencamos as instituições sem e-mail e com a mesma gestão administrativa:

QUADRO 1 – MUSEUS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO SEM ENDEREÇO ELETRÔNICO

MUSEU	ANO DE FUNDAÇÃO
Museu do Bispo	1982
Museu do Bonde	S/D
Museu Gama Filho	S/D
Casa das Canoas	S/D
Museu Imaginárias	S/D
Museu do Arsenal	1865
Museu Aeroterrestre da Brigada da Infantaria Paraquedista	2008
Corpo de Fuzileiros	1990
Museu da Cadeira	2003

Museu de Arte sacra da arquidiocese do Rio de Janeiro	1984
Museu de Arte do Supremo Conselho do Brasil do Grau 33	S/D
Parque Estadual da Pedra Branca	1974
Parque Estadual da Chacrinha	1969
Parque Estadual do Grajaú	2002
Museu do Carnaval	S/D

QUADRO 2 – MUSEUS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO COM NOMENCLATURAS DIFERENTES

MUSEU	OUTRA NOMENCLATURA
Museus Raymundo Ottoni de Castro Maya/ Chácara do Céu	Museus Raymundo Ottoni de Castro Maya/ Museu do Açude
Museu Casa de Rui Barbosa	Arquivo Museu de Literatura Brasileira
Museu do Meio Ambiente	Museu-Sítio Arqueológico Casa dos Pilões
Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro	Museu do Universo

Nesse contato via web com os museus, algumas instituições trocaram e-mails com os integrantes do grupo destacando que não compreenderam ou estranharam a nomenclatura “setor educativo”, fazendo com que, naquele momento, cada participante tivesse que definir por conta própria o conceito de setor educativo junto aos seus pesquisados. Por outro lado, essa constatação nos fez perceber a necessidade de aprofundar as discussões em torno desse conceito de modo a afinar nosso próprio entendimento.

A literatura sobre museus de diferentes tipologias afirma a educação como um dos principais objetivos dessas instituições e considera o setor educativo como responsável pelo desenvolvimento das ações educativas que oferecem, especialmente ao público escolar.

Tomando então como base a bibliografia sobre educação em museus, dada a ausência de estudos específicos sobre o tema, Machado (2009) apresenta um breve histórico do surgimento do Setor Educativo nos museus, as funções que lhe foram atribuídas e as

principais características que vêm definindo a sua atuação. Para a autora, o setor educativo se configura como uma área ou um serviço específico do museu, criado para atender o grande público, especialmente o escolar. “Enquanto o museu não dispunha de setor educativo ou profissionais destinados às tarefas educativas, cabia ao curador provê-lo de atividades educativas para receber as escolas” (p.34).

Segundo Benoist (1971), o primeiro setor educativo permanente de museu foi criado pelo Museu do Louvre, em 1880 e, naquele mesmo ano, o Victoria and Albert Museum também instituiu um setor educativo. Machado (2009) destaca que as atribuições dos setores educativos, afirmadas e sistematizadas em vários seminários internacionais e nacionais, são fundamentalmente as mesmas assumidas pelo setor educativo do Victoria and Albert Museum, e continuam sendo, ainda hoje, as principais atribuições que cabem aos setores educativos das diferentes categorias de museus. Entretanto, ressalta a ausência de discussão de referenciais teóricos para as ações educativas propostas e da sua importância para orientar a concepção, realização e avaliação das práticas educativas nos museus.

Após inúmeras tentativas de reenvio dos e-mails, e semanas aguardando pelas respostas, os resultados obtidos foram os seguintes: das 96 instituições que encaminhamos e-mail, 7 endereços eletrônicos retornaram como estando equivocados/ desatualizados; 12 responderam que possuíam setor educativo; 9 não tinham setor educativo; e 68 não responderam ao contato via web. Ou seja, nesse primeiro momento, de 96 e-mails enviados, tivemos o retorno de apenas 21 espaços (21,87%) e somente 12 declararam que possuíam setor educativo (12,5%).

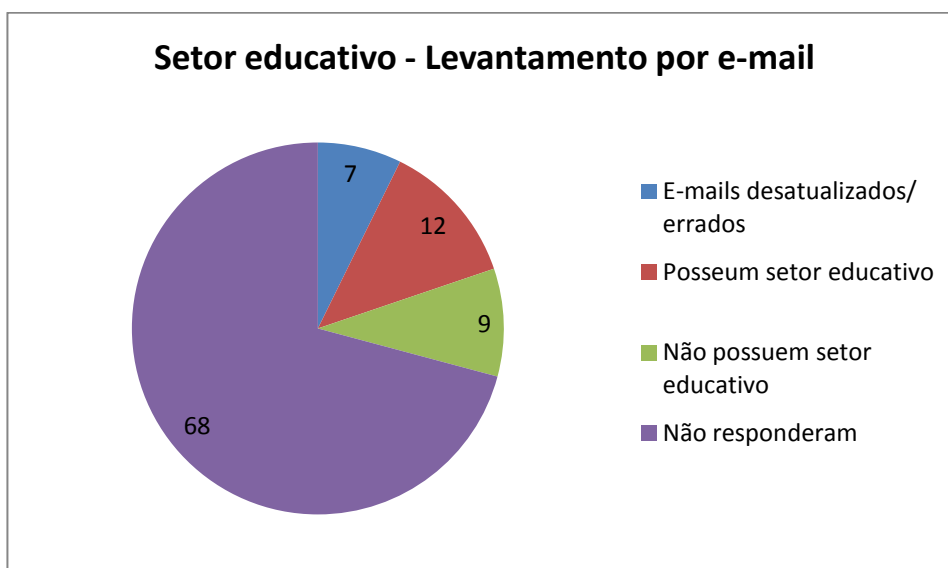


Gráfico 1 – Contato via e-mail com os museus da cidade do Rio de Janeiro

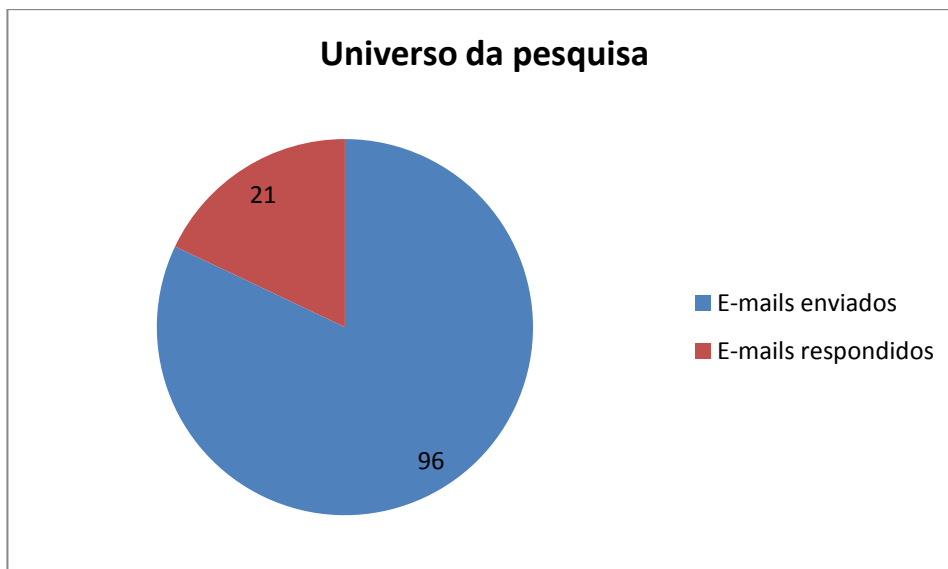


Gráfico 2 – Universo da pesquisa – Percentual de museus da cidade do Rio de Janeiro que responderam o contato via e-mail

Prosseguindo na análise do Guia, foi possível constatar informações sobre museus fechados, apresentando-se o motivo e se havia ou não previsão de reabertura. A seguir, a listagem desses museus inativos:

QUADRO 3 – MUSEUS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO FECHADOS

MUSEU	PREVISÃO DE REABERTURA	COMETÁRIO/OBSERVAÇÃO
Museu dos Teatros	Não há informação	Fechado para visitação, porém realiza atendimento para pesquisadores mediante agendamento
Museu dos Esportes Mané Garrincha	prevista para 2014	
Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty	Não há previsão de reabertura	

Museu do Trem	Não há previsão de reabertura	
Museu da Cidade	prevista para 2011, mas não foi efetivada	
Museu da Biodiversidade	prevista para 2011, mas não foi efetivada	
Museu Sacro-Militar	Não há previsão de reabertura	
Museu da Força Expedicionária Brasileira	prevista para 2011, mas não foi efetivada	
Museu do Negro	Não há previsão de reabertura	
Museu do Meio Ambiente	Não há informação	
Museu do Carnaval,	não há previsão de reabertura	Parte de seu acervo foi transferido para o Centro de Memória do Carnaval

Ainda uma outra questão chamou a atenção do grupo: dentre os iniciais 115 museus listados, 21 deles eram de origem militar. Machado (2005, p. 142) ressalta o quanto, em vários períodos da história brasileira, os museus foram utilizados como instrumento de veiculação de discursos oficiais, com tendências à efetivação do ideal do regime militar. Um pensamento museal que passava pela ideia de preservação relacionada com a “função prática de amar a pátria”, e a responsabilidade do museu era fazer brotar nos indivíduos um sentimento nacional. São eles:

QUADRO 4 – MUSEUS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO MILITARES/ ANO DE FUNDAÇÃO

NOME DOS MUSEUS	ANO DE FUNDAÇÃO
Museu da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro	1912

Museu da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro	1937
Museu do Desporto do Exército	2004
Museu Militar Conde de Linhares	1998
Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana	1987
Museu Naval	1868
Museu Histórico do Corpo de Bombeiros	1977
Museu Histórico da Fortaleza de São João	2009
Ilha Fiscal	1999
Espaço Cultural da Marinha	1995
Museu do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial	1960
Museu Cartográfico do Serviço Geográfico do Exército	1977
Museu do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro	1865
Centro Cultural de Equitação – Escola de Equitação do Exército	S/D
Museu Aeroterrestre da Brigada de Infantaria Pára-quedista	2008
Museu do Corpo de Fuzileiros Navais	1990
Museu Histórico do Regimento Escola de Infantaria 57º Bimtz (ES)	2006
Museu Marechal Zenóbio da Costa	2004
Submarino - Museu Riachuelo	1997
Museu Sacro-Militar	S/D
Museu da Força Expedicionária Brasileira	1975

Embora as questões relativas à elaboração, ao manuseio e às informações constantes no Guia tenham sido objeto de discussão ao longo de toda a investigação, interferindo no andamento da pesquisa, esse percurso possibilitou ao grupo captar concepções de criança, de

museu, de escola, de público por parte dos museus da cidade do Rio de Janeiro listados na obra. Por outro lado, os obstáculos fizeram com que a equipe buscasse outras opções metodológicas, mas fez também com que percebêssemos a necessidade de divulgar os equívocos na elaboração de um material realizado com recurso público e que se destinava a aproximar esse mesmo público do universo dos museus. Portanto, para este texto, priorizamos sinalizar alguns dos equívocos na elaboração dessa obra.

Referências

ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

AZEVEDO, Flávia, CATÃO, Leandro & PIRES, João Ricardo (orgs.). *Cidadania, memória e patrimônio: as dimensões do museu no cenário atual*. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

BENOIST, Luc. *Musée et Museologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1971.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, *Guia dos Museus Brasileiros*. Brasília: IBRAM, 2011.

MACHADO, Maria Iloni Seibel. O papel do setor educativo nos museus: análise da literatura (1987 a 2006) e a experiência do museu da vida. Tese de Doutorado, Unicamp: Instituto de Geociência, 2009.

SANTOS, Maria Celia. O papel dos Museus na construção da identidade nacional, In: *Anais do Museu Histórico nacional*. Rio de Janeiro, no. 28, 1996.